

«O melhor livro da autora até  
agora. Uma história sobre  
pessoas sem salvação.»

*The Guardian*

«Inteligente, chocante,  
perturbador e  
absolutamente original.»

Paula Hawkins

**A ESTRANHA**  
**SALLY**  
**DIAMOND**  
**LIZ**  
**NUGENT**

**TOP  
SEL  
LER**

**BESTSELLER INTERNACIONAL**

Melhor thriller do ano \* *Publishers Weekly*

*Para o Richard, com mais amor ainda*

Longe, longe, dos homens e das cidades,  
Para o bosque selvagem e para as colinas  
Para o silêncio do desconhecido  
Onde a alma não é obrigada a reprimir  
A sua música...

– Percy Bysshe Shelley

# Parte 1

# 1

— Põe-me no caixote do lixo — dizia ele de vez em quando.  
— Quando eu morrer, põe-me no caixote do lixo. Vou estar morto, por isso tanto faz. Vais chorar como uma Madalena. — E ria-se e eu ria-me também, porque ambos sabíamos que eu não iria chorar como uma Madalena. Nunca choro.

Quando essa altura chegou, numa quarta-feira, dia 29 de novembro de 2017, fiz o que ele me pediu. Era pequeno e frágil e tinha 82 anos, por isso foi fácil colocá-lo num grande saco de resíduos de jardim.

Há um mês que não se levantava.

— Não quero cá médicos — dissera ele. — Sei bem como é que eles são. — E sabia, porque era médico. Psiquiatra. Mas ainda conseguia passar receitas e mandava-me a Roscommon para as aviar.

Não o matei, não foi assim. Levei-lhe chá, naquela manhã, e ele estava frio na cama. De olhos fechados, graças a Deus.

Detesto aquelas séries dramáticas da televisão em que os cadáveres ficam a olhar para o inspetor da polícia. Será que só ficamos de olhos abertos quando somos assassinados?

— Pai? — disse eu, embora soubesse que ele já cá não estava.

Sentei-me aos pés da cama, tirei a tampa do seu copo e bebi o chá. Senti falta do açúcar que sempre ponho no meu. Vi-lhe

o pulso, mas dava para perceber pela pele cerosa. Embora cerosa não fosse a palavra certa. Era mais como se... a pele já não lhe pertencesse, ou ele não lhe pertencesse a ela.

Arrastar o saco do lixo pelo quintal até ao celeiro não foi fácil. Havia gelo no chão e tive de pôr o saco ao ombro de vez em quando, para não se rasgar. Uma vez por mês, quando estava bem, o pai despejava os caixotes do lixo no incinerador. Recusava-se a pagar as taxas do lixo e vivíamos num sítio tão isolado que a Câmara não nos chateava por causa disso.

Eu sabia que os cadáveres se decompunham e começavam a apodrecer e a cheirar mal, por isso coloquei o saco cuidadosamente no tambor do incinerador. Despejei-lhe gasolina em cima e puxei-lhe fogo. Não fiquei a ouvir o crepitar das chamas. Já não era ele. Era um corpo, uma «coisa inanimada», num incinerador doméstico ao lado do celeiro, num campo junto a uma casa ao fundo de uma vereda que derivava de uma rua secundária.

Às vezes, quando, ao telefone, descrevia onde vivíamos, o pai costumava dizer:

— Moro pouco depois do meio do nada. Ao chegar ao meio do nada, siga pela esquerda e depois pela direita e pela esquerda outra vez, até chegar a uma rotunda: aí, saia na segunda saída.

O pai não gostava de visitas. Além da Angela, a nossa médica, só recebíamos pessoas talvez de dois em dois anos desde que a mãe morrera. Os últimos vieram reparar o carro ou instalar um computador e, alguns anos mais tarde, veio outro homem e instalou a Internet e trouxe um computador novo para o pai, e o último veio para melhorar a nossa banda larga. Nessas alturas, eu ficava no quarto.

Ele nunca me ensinou a usar o computador, mas explicou todas as coisas que um computador fazia. Eu via televisão e sabia o que os computadores conseguiam fazer. Podiam bombardear países. Espiar pessoas. Fazer cirurgias à cabeça. Juntar velhos amigos e inimigos e solucionar crimes. Mas eu não queria fazer nenhuma dessas coisas. Eu gostava era de televisão

e documentários e programas sobre natureza e História. Adorava séries de televisão, especialmente de ficção, passadas no futuro ou na Era Vitoriana, em casas senhoriais e com belos vestidos. Mas também gostava de séries modernas. Gostava de acompanhar a vida excitante das pessoas, com os seus casos amorosos cheios de paixão, as suas famílias infelizes e os seus segredos sombrios. O que talvez seja irónico, tendo em conta que, na vida real, eu não gostava de pessoas. Pelo menos da maior parte das pessoas.

Preferia ficar em casa. O pai compreendia isso. A escola era um pesadelo. Ia às aulas todas, tentava evitar as outras raparigas e ia direitinha para casa no fim. Diziam que eu era autista, embora o meu pai psiquiatra me tivesse dito que não o era de todo. Não entrei para nenhum clube ou associação, apesar da insistência da mãe. Quando fiz os exames finais, tive dois vintes, dois dezasseis e dois catorzes nas disciplinas específicas e um dez a Matemática e Irlandês. Isso foi há vinte e cinco anos. Depois disso, voltámos a mudar de casa, para um chalé ao fundo de uma pequena vereda, a quilómetro e meio da aldeia de Carricksheedy.

As idas semanais às compras eram um suplício. Por vezes, fingia ser surda para evitar conversas, mas ouvia os comentários dos miúdos da escola. «Lá vem a estranha da Sally Diamond.» O pai dizia que não era por mal. As crianças são cruéis. A maior parte delas, pelo menos. Eu ficava contente por já não ser criança. Era uma mulher de 42 anos.

Ia sempre aos correios buscar a pensão do pai e o meu subsídio vitalício por doença. Há alguns anos, os correios propuseram que déssemos autorização para recebermos os subsídios e a pensão nas nossas contas bancárias, mas o pai disse que devíamos, pelo menos, tentar manter algumas relações com as pessoas da aldeia, pelo que ignorámos a sugestão. O banco ficava longe, em Roscommon, a quase dezoito quilómetros. Não havia multibanco

em Carricksheedy, embora na maior parte das lojas pudéssemos usar um cartão bancário.

Aproveitava e também recolhia o correio do pai, pois ele não queria que os carteiros metessem o nariz nos nossos assuntos. A Sra. Sullivan, a chefe dos correios, costumava perguntar aos gritos: «Como está o teu pai, Sally?» Talvez pensasse que eu conseguia ler os lábios. Eu assentia com a cabeça e sorria, e ela inclinava a cabeça para o lado em compaixão, como se tivesse ocorrido uma tragédia, e depois eu ia à loja do posto de gasolina Texaco. Comprava o que precisávamos para toda a semana e regressava, com os nervos a acalmarem à medida que virava para a vereda que dava para a nossa casa. Entre ir e voltar, nunca demorava mais do que uma hora.

Quando estava bem, o pai ajudava a arrumar as compras. Fazíamos três refeições por dia. Cozinhávamos um para o outro. Assim, eu preparava duas refeições e ele uma, mas a divisão do trabalho era igual entre nós. Trocámos de tarefas quando a idade lhe começou a pesar. Eu aspirava e ele tirava a loiça da máquina. Eu passava a ferro e tratava do lixo e ele limpava a casa de banho.

Depois deixou de sair do quarto, passava as receitas com a mão mais trémula e comia como um passarinho. Lá para o fim, só comia gelado. Por vezes, eu dava-lho à boca quando as mãos lhe tremiam demasiado e mudava-lhe os lençóis nos dias em que ele não conseguia aguentar até chegar ao bacio que estava debaixo da cama, que eu despejava todas as manhãs e lavava com lixívia. Ele tinha uma campainha ao lado da cama, mas eu não conseguia ouvir quando estava na copa, e, nos últimos dias, ele estava demasiado fraco para pegar nela.

— És uma boa menina — dizia ele com voz fraca.

— Tu és o melhor pai — respondia eu, embora soubesse que não era bem assim. Mas fi-lo sorrir. A mãe tinha-me ensinado a dizer aquilo. O melhor pai era o de *A Casa da Pradaria*. E era bem-apegoado.

\*

A minha mãe costumava pedir-me para fazer o exercício mental de imaginar o que as outras pessoas estavam a pensar. Eu achava aquilo curioso. Não seria mais fácil perguntar-lhes o que estavam a pensar? E eu tenho alguma coisa que ver com isso? Eu sei o que penso. E posso usar a imaginação para fazer de conta que consigo fazer as coisas que as pessoas da televisão fazem, como desvendar crimes e ter casos amorosos escaldantes. Mas às vezes tento imaginar o que as pessoas da aldeia veem quando olham para mim. Segundo uma revista que li uma vez, na sala de espera da Angela, tenho três quilos a mais para a minha altura, um metro e setenta e dois. A Angela riu-se quando lhe mostrei a revista, mas a verdade é que me encorajou a comer mais fruta e vegetais e menos hidratos de carbono. Tenho o cabelo comprido e acobreado, mas prendo-o num coque solto, um pouco acima da nuca. Lavo a cabeça uma vez por semana, quando tomo banho de banheira. Durante o resto da semana, uso uma touca de banho e tomo um duche rápido.

Uso uma das minhas quatro saias. Tenho duas de inverno e duas de verão. Tenho sete blusas, três camisolas e um casaco de malha, e ainda tenho muita roupa da mãe, vestidos e casacos curtos, tudo de boa qualidade, embora já velhos. A mãe gostava de ir às compras a Dublin com a sua irmã, a tia Christine, duas ou três vezes por ano. Iam «aos saldos». O pai não gostava, mas ela dizia que gastava o dinheiro dela como bem quisesse.

Não uso *soutien*. São desconfortáveis e não compreendo porque tantas mulheres insistem em usá-los. Quando a roupa ficava muito coçada, o pai comprava-me peças em segunda mão na Internet, exceto roupa interior. Essa era sempre nova.

— Detestas ir às compras e é escusado gastar dinheiro sem necessidade — costumava ele dizer.

A minha pele é clara e limpa. Tenho algumas rugas na testa e à volta dos olhos. Não uso maquilhagem. O pai chegou a comprar-me algumas coisas e sugeriu que experimentasse.

Graças à minha velha amiga televisão e aos anúncios, eu sabia o que fazer com elas, mas ficava muito diferente e nem parecia eu, com olhos escurecidos e batom cor-de-rosa. O pai concordava. Ofereceu-se para comprar outros produtos, mas percebeu a minha falta de entusiasmo e não voltámos a falar disso.

Acho que as pessoas da aldeia veem uma mulher «surda» de 42 anos a entrar e sair da aldeia e a conduzir ocasionalmente um *Fiat* antigo. Devem supor que não posso trabalhar por causa da surdez e que é por isso que recebo subsídios. Recebo subsídios porque o pai disse que eu era socialmente deficiente.

## 2

O Thomas Diamond não era o meu verdadeiro pai. Eu tinha 9 anos quando ele mo disse. Eu nem sequer sabia o meu nome verdadeiro, mas ele e a minha mãe, que também não era a minha mãe, disseram-me que me tinham encontrado numa floresta quando eu era bebé.

Inicialmente fiquei perturbada. Nas histórias que lera, os bebés encontrados nas florestas eram crianças trocadas, filhos de criaturas da floresta, que lançavam o caos nas famílias que os acolhiam. É que eu tenho imaginação, apesar do que o pai dizia muitas vezes. Mas a mãe sentou-me no colo e garantiu-me que aquelas histórias eram contos de fada inventados. Eu detestava sentar-me no colo da mãe, ou no do pai, por isso, esgueirei-me e pedi uma bolacha. Deram-me duas. Acreditei no Pai Natal até aos 12 anos, quando o pai se sentou comigo e me contou a triste verdade.

— Mas por que haviam de inventar tal coisa? — perguntei.

— É uma coisa divertida para as crianças acreditarem, mas tu já não és pequenina.

E tinha razão. Já me tinha vindo o período. As dores menstruais substituíram a Fada dos Dentes e o Coelhoinho da Páscoa, e o pai e a mãe começaram a explicar-me outras coisas.

— Se o Pai Natal não existe, Deus ou o Diabo existem?

A mãe olhou para o pai e ele disse:

— Ninguém sabe.

Tive dificuldade em entender aquela lógica. Se eles tinham a certeza de que o Pai Natal não existia, porque não tinham a mesma certeza sobre Deus?

A minha infância deu lugar a anos de adolescência mais monótonos e menos coloridos. A mãe explicou-me que os rapazes podiam interessar-se por mim, que podiam tentar beijar-me. Tal nunca aconteceu, exceto uma vez quando eu tinha 14 anos e um velho tentou beijar-me à força e meteu a mão pela minha saia acima numa paragem de autocarro. Dei-lhe um murro na cara, pontapeei-o até ele cair e pisei-lhe a cabeça. Depois o autocarro chegou, eu entrei e fiquei furiosa com o motorista por ter saído para ajudar o velhote. Fiquei a vê-lo pôr-se de pé, com o sangue a gotejar-lhe da cabeça. O motorista perguntou-me o que tinha acontecido, mas fiquei calada e fingi que não o conseguia ouvir. Cheguei a casa vinte minutos depois e perdi o início do programa infantil *Blue Peter*.

Quando tinha 15 anos, ouvi uma rapariga da minha turma a dizer a outras duas que eu era uma criança selvagem, encontrada na encosta de uma montanha e depois adotada pelos Diamonds. Ela disse isto na casa de banho. Eu estava sentada em cima do autoclismo, com os pés em cima da sanita num cubículo, a comer o meu almoço.

— Mas não digam a ninguém — disse ela. — A minha mãe soube por uma amiga que trabalhava para o Dr. Diamond quando isso aconteceu. É por isso que ela é tão estranha.

As outras raparigas não guardaram segredo. Durante algumas semanas tentaram falar comigo, perguntando-me se eu gostava de subir às montanhas e se comia erva. A Stella Coughlan disse-lhes que me deixassem em paz, que não tinham nada que ver com o assunto. Ignorei-as a todas. Não fiz perguntas à mãe nem ao pai sobre isso. Eu já sabia que era adotada e também

sabia que os bebês não sobrevivem nas montanhas e que as raparigas parvas inventam coisas por maldade.

A mãe morreu no ano em que saí da escola. Andávamos a ter muitas discussões. Ela queria que eu fosse para a universidade. Preenchera formulários de candidatura em meu nome contra a minha vontade. Achava que eu devia estudar música ou ciências. Adoro música e talvez o que mais gosto de fazer na vida seja tocar piano. A mãe pagava a uma professora para vir a casa dar-me lições quando eu tinha 9 anos. Eu gostava da Sra. Mooney. Ela dizia que eu era uma pianista talentosa. Morreu durante a minha adolescência e eu não quis outra professora, por isso praticava para melhorar sozinha. Não queria submeter-me a exames. Apenas gostava de tocar.

A mãe dizia que eu não tinha muito por onde escolher. Mas eu não queria conhecer estranhos e não queria sair da nossa nova casa. O pai disse que eu podia tirar um curso na Universidade Aberta, mas a mãe dizia que eu precisava de «socializar», porque nunca saíria de casa nem arranjaría emprego se não fosse obrigada. Eu disse que não queria sair de casa e ela ficou irritada.

Na semana a seguir a esta discussão, ela teve um AVC quando estava a atender pacientes no consultório da aldeia, e morreu no hospital. O funeral foi em Dublin, porque era lá que toda a sua família e antigos amigos viviam. A mãe nunca deixara de os visitar com regularidade. Nas poucas vezes que a Christine, a irmã dela, nos visitou, eu segui-a para todo o lado como um cãozinho. Era uma versão glamorosa da mãe. O pai ficava no escritório quando ela nos visitava. A mãe dizia que o pai fazia a tia Christine sentir-se indesejada. Depois de a mãe morrer, ela deixou de vir, mas mandava-me sempre um cartão de aniversário com dinheiro lá dentro.

O pai perguntou-me, com lágrimas nos olhos, se eu queria ir ao funeral da mãe, mas recusei. Eu tinha de separar a roupa da

mãe para ver qual me servia e qual era para dar. Pedi ao pai que trouxesse um livro de culinária de Dublin, porque normalmente era a mãe que cozinhava, e embora eu fosse excelente a ajudá-la a descascar batatas, não era tão competente a preparar uma refeição completa. Mas sabia que podia aprender com os livros.

Quando o pai regressou de Dublin, dois dias depois, perguntou-me se estava triste e se tinha saudades da mãe. Garanti-lhe que não e disse-lhe que não se preocupasse comigo. Ele olhou para mim daquela maneira engraçada com que às vezes me olhava e disse que eu provavelmente tinha sorte por ser como era e que provavelmente conseguiria escapar ao sofrimento durante toda a vida.

Sei que não penso como as outras pessoas, mas se puder manter-me longe delas, então o que importa isso? O pai dizia que eu era única. Não me importo. Já me chamaram muitas coisas, mas o meu nome é Sally. Pelo menos, foi esse o nome que a mãe e o pai me deram.

### 3

Nos dias que se seguiram à morte do pai, tudo estava sossegado. Talvez tivesse saudades dele, afinal. Não tinha ninguém com quem falar, ninguém a quem fazer chá, ninguém a quem dar gelado à boca. Ninguém a quem lavar e mudar a roupa. Para que servia eu? Andava às voltas pela casa e, no terceiro dia, entrei no escritório dele. Ao abrir despreocupadamente as gavetas, encontrei muito dinheiro e as joias da mãe numa caixa de metal. Muitos blocos de notas que documentavam o meu peso, altura e desenvolvimento desde que eu era pequena. Um envelope grosso endereçado a mim em cima da secretária. Muitas fichas com o meu nome organizadas por diferentes categorias: comunicação, desenvolvimento emocional, empatia, compreensão, saúde, medicação, deficiências, dieta, etc. Demasiadas para algum dia as conseguir ler todas. Olhei para a fotografia do casamento dos dois que estava na cornija da lareira, e lembrei-me de que a mãe dizia que nunca se tinham sentido como uma família completa até me encontrarem. Há muito que me tinha desenganado da ideia de que era uma criança enjeitada. Tinham-me adotado da maneira habitual, disse a mãe. Perguntou-me se eu tinha curiosidade acerca dos meus pais biológicos e, quando eu disse que não, o rosto iluminou-se-lhe. Eu sentia-me bem quando fazia os meus pais sorrir.

Olhei para as fotografias antigas de trabalho do pai, a dar palestras em conferências em Zurique. Fotografias dele com outros homens vestidos de fato com aspeto sisudo. Fundamentalmente, o pai estudava e escrevia artigos académicos, mas, às vezes, se fosse solicitado pela mãe numa emergência, era capaz de atender um doente local em Carricksheedy ou mais longe.

Estudava a mente humana. Disse-me que a minha mente funcionava perfeitamente, mas que eu era emocionalmente desligada. Eu era o trabalho da sua vida, dizia ele. Perguntei-lhe se ele conseguiria voltar a ligar as minhas emoções e ele disse que a única coisa que ele e a mãe podiam fazer era amar-me e esperar que, um dia, eu aprendesse a amá-los também. Eu gostava deles. Não queria que lhes acontecesse nenhum mal. Não gostava de os ver tristes. Acreditava que isso era amor. Estava sempre a perguntar ao pai, mas ele dizia que não me preocupasse, que o que quer que eu sentisse era o suficiente, mas acho que ele não me compreendia. Às vezes, ficava ansiosa se houvesse muitas pessoas à minha volta, ou se não soubesse a resposta a alguma pergunta, ou se um barulho fosse muito alto. Eu achava que conseguia reconhecer o amor nos livros e na televisão, mas lembro-me de ver o *Titanic* num Dia de Natal e de pensar que o Jack estava condenado a morrer de qualquer forma, porque viajava em terceira classe e era homem, e a Rose, com toda a probabilidade, iria sobreviver porque era rica, e a ordem era «mulheres e crianças primeiro», por isso qual era o interesse de acrescentar a história de amor, que nem sequer era factualmente verdadeira? O pai soluçava.

Eu não gostava de abraços, nem que me tocassem. Mas nunca deixei de me questionar sobre o amor. Seria esse o meu desfazamento emocional? Devia ter perguntado ao pai quando era vivo.

Cinco dias depois de o pai morrer, o Ger McCarthy bateu-me à porta. O Ger McCarthy era um vizinho que tinha um campo arrendado atrás do nosso celeiro. Estava habituada a vê-lo passar

para cima e para baixo na vereda. Era homem de poucas palavras e, como o pai costumava dizer, era «um excelente homem para não fazer perguntas nem conversa fiada».

— Sally — disse ele —, vem um cheiro horrível daquele teu celeiro. As minhas vacas estão todas recolhidas, mas estou para aqui a pensar, não vá uma ovelha lá ter entrado e ficado lá presa e morrido, ou coisa que o valha. Queres que dê uma vista de olhos ou o teu pai trata disso?

Garanti-lhe que eu era capaz de o fazer. Ele seguiu o seu caminho, assobiando desafinado, com o fato-macaco salpicado de lama.

Quando cheguei ao celeiro, o cheiro do incinerador deu-me vontade de vomitar. Pus o cachecol à volta da boca e abri a porta. Não tinha queimado bem. Conseguia ver a forma completa do corpo. Havia uma substância oleosa no fundo do barril do incinerador na qual pululavam moscas e larvas. Voltei a acender a fogueira com jornais enrolados que tinha em casa e toros do celeiro.

Senti-me dececionada comigo própria. O pai devia ter sido mais específico quando me deu as instruções. Queimávamos matéria orgânica com regularidade. Os cadáveres eram matéria orgânica, não? Talvez os crematórios fossem mais quentes. Iria procurar essa informação na enciclopédia mais tarde. Despejei-lhe o resto da gasolina para atear o fogo, na esperança de que uma segunda queima resolvesse o problema. Puxei o cabelo para me acalmar.

Fui aos correios levantar os meus subsídios, e a Sra. Sullivan tentou dar-me a reforma do pai também. Empurrei o dinheiro de volta e ela ficou a olhar para mim, perplexa, e gritou:

— O teu pai há de estar a precisar da pensão.

— Não precisa — disse eu —, porque morreu.

As sobrancelhas levantaram-se-lhe e a boca abriu-se.

— Oh, meu Deus. Tu falas. Não sabia. O que é que disseste?

Expliquei novamente que já não ia voltar a precisar da pensão do pai, porque ele estava morto.

Ela olhou para trás de mim, para a mulher do talhante.

— Ela sabe falar — disse ela. E a mulher do talhante disse:

— Estou estupefacta!

— Lamento muito — continuou a Sra. Sullivan aos gritos, e a mulher do talhante estendeu o braço e pôs-me a mão sobre o cotovelo. Recuei e soltei-me do seu toque.

— Quando é o funeral? — perguntou ela. — Não vi nada no obituário.

— Não há funeral — disse eu. — Cremei-o eu própria.

— Como assim? — disse a Sra. Talhante, e eu disse-lhe que o tinha posto num incinerador, porque ele me tinha dito para o pôr no caixote do lixo quando morresse.

Fez-se silêncio, e estava eu a virar-me para me ir embora quando a Sra. Talhante disse, com voz trémula:

— Como é que sabias que ele estava morto?

E depois a Sra. Sullivan disse para a Sra. Talhante:

— Não sei a quem telefonar. À polícia ou a um médico?

Virei-me para ela novamente e disse:

— É demasiado tarde para um médico. Porque havia de chamar a polícia?

— Sally, quando uma pessoa morre, as autoridades têm de ser informadas.

— Mas eles não têm nada que ver com isso — protestei eu. Estavam a deixar-me confusa.

Quando cheguei a casa, toquei piano durante algum tempo. Depois fui à cozinha e fiz uma chávena de chá. Levei o chá para o escritório do pai. O telefone começou a tocar e eu desliguei-o. Olhei para o envelope que ele tinha em cima do portátil com «Sally» escrito na frente e «a ser aberto depois da minha morte» com a caligrafia trémula do pai. Não dizia quanto tempo depois da sua morte é que eu devia abri-lo, e interroguei-me se teria lá dentro um postal de aniversário. Eu fazia anos dali a nove dias,

por isso ia esperar até lá. Ia fazer 43 anos. Senti que ia ser um bom ano.

Era um envelope grande e, quando peguei nele, senti que era grosso e que continha muitas folhas. Talvez não fosse um postal de aniversário. Pu-lo no bolso da saia. Ia lê-lo depois de assistir a *Crime, Disse Ela* e *Judge Judy*. Sentei-me no sofá da sala de estar que costumava partilhar com a mãe. Olhei para a cadeira vazia do pai e pensei nele durante alguns minutos.

A minha atenção depressa foi desviada para o que se passava em Cabot Cove. Desta vez, o jardineiro de Jessica Fletcher tinha andado a fazer das dele com a viúva rica do advogado e ela matara-o quando ele se recusara a deixar a mulher. Como de costume, Jessica foi mais rápida do que o xerife a resolver o crime. Durante um dos intervalos de *Judge Judy*, bateram à porta.

Fiquei chocada. Quem poderia ser? Talvez o pai tivesse encomendado alguma coisa pelo computador, embora tal fosse improvável, porque a última vez que o usara fora cerca de um mês antes de morrer. Aumentei o volume da televisão enquanto continuavam a bater. Pararam e tive de voltar atrás, porque *Judge Judy* já tinha recomeçado e eu tinha perdido uma parte. Depois apareceu uma cabeça à janela do meu lado esquerdo. Gritei. Mas era só a Angela.

## 4

A Dra. Angela Caffrey era sócia da mãe e ficou com a clínica depois da morte dela. Eu tive consultas com ela muitas vezes ao longo dos anos. Não me importava que me tocasse ou examinasse, porque explicava sempre claramente o que ia acontecer. E punha-me sempre melhor. O pai gostava dela e eu também.

— Sally! Estás bem? A Sra. Sullivan disse-me que o Tom morreu. É verdade?

Fiquei de pé, desajeitada, à porta do escritório do pai no átrio. O pai convidava sempre a Angela para a sala de estar e oferecia-lhe chá, mas eu não queria que ela ficasse muito tempo. Ela tinha outras intenções.

— Vamos para a cozinha e contas-me tudo?

Desci as escadas à frente dela para a cozinha.

— Oh, tens a casa imaculadamente limpa. A tua mãe havia de ficar tão orgulhosa. Há séculos que cá não venho. — Puxou a cadeira do pai e sentou-se nela. Eu fiquei em pé, de costas para o campo. — E então, Sally, o teu pai morreu?

— Morreu.

— Oh, pobre Tom! Esteve doente muito tempo?

— Começou a trabalhar muito menos, depois ficou de cama há cerca de um mês e não voltou a levantar-se.

— Porque será que não me chamou? Eu teria vindo imediatamente. Podia assegurar-me de que estava confortável.

— Ele passava receitas de medicamentos para as dores para eu aviar em Roscommon.

— Ele passava receitas a si próprio? Isso é ilegal.

— Passava-as em meu nome. Dizia que não ia para a prisão e eu também não.

— Compreendo. — Ela fez uma pausa. — E quando é que ele faleceu ao certo?

— Dei com ele morto na quarta-feira quando lhe levei o chá de manhã.

— Oh, minha querida. Deve ter sido tão angustiante. Bem, não quero meter-me, mas a Maureen Kenny...

— Quem?

— A Maureen, a mulher do talhante? Ela contou-me que tu tinhas dito que não ia haver funeral e que tinhas feito a cremação sozinha.

— Sim.

— E onde foi a cremação?

— No celeiro verde.

— Como?

— No celeiro verde.

— Aqui? Atrás da casa?

— Sim.

— Não pensaste em telefonar a alguém? A mim, ao hospital, a um agente funerário?

Senti que estava em apuros, como se tivesse feito alguma coisa errada.

— Ele disse-me para o pôr no lixo.

— Ele... o quê? Ele estava a brincar, não queria dizer isso!

— Ele não me disse que era uma brincadeira.

— Mas como podes ter a certeza de que ele estava morto?

— Ele não estava a respirar. Queres ver o incinerador? — perguntei. Os olhos arregalaram-se-lhe.

— Não é assim que se trata... Sally, isto é grave. Só um médico pode certificar uma morte. Ele não deixou instruções sobre o seu funeral?

— Não, eu não... — E foi então que me lembrei do envelope.  
— Ele deixou-me isto. — Tirei-o do bolso.

— E o que diz?

— Ainda não o abri.

Eu estava a ficar incomodada com toda aquela conversa. Ou não falo de todo, ou falo demais e digo coisas que não fazem sentido para ninguém senão para mim.

Pus as mãos nos ouvidos e a Angela moderou a voz.

— Queres que o abra? Posso lê-lo?

Atirei-lhe com o envelope e fui para o piano, mas isso não me deixou mais calma. Fui para o quarto e meti-me debaixo do edredão e do cobertor azul macio. Comecei a arrancar cabelo da cabeça. Não sabia o que fazer. Perguntava-me quando a Angela se iria embora. Fiquei à espera de ouvir a porta de entrada fechar-se.

## 5

Uma suave batida com os nós dos dedos na porta acordou-me. Estava a escurecer lá fora. Devo ter desmaiado. Pode acontecer quando estou angustiada, embora não acontecesse há muitos anos.

— Sally? — sussurrou a Angela.

Olhei para o relógio. Ela tinha lá ficado três horas e vinte e cinco minutos.

— Sim?

— Fiz chá e torradas com feijões. Levanta-te, porque temos de conversar.

— O chá tem açúcar?

— Ainda não — disse ela —, mas já ponho.

— Que caneca usaste?

— Eu... não tenho a certeza.

Abri a porta e segui a Angela pelo corredor.

Ela deu-me o chá na caneca do *Scrabble* do pai. Adicionei colher e meia de açúcar e mais uma colher de chá de leite. Ela tinha servido o chá dela numa caneca de porcelana que nem eu nem o pai tínhamos alguma vez usado.

— Então, li as cartas do teu pai...

— Há mais do que uma?

— Há. Está tudo bem, querida. A questão é que tenho de chamar a polícia, e eles vão querer falar contigo. Mas não quero que te preocupes, porque vou estar contigo, explico-lhes a tua doença e vou fazer tudo para que sejam gentis contigo. Mas, e esta é a parte mais difícil, provavelmente eles vão querer fazer buscas na casa e tu devias vir para a minha casa e da Nadine durante uns tempos, enquanto eles fazem o seu trabalho.

— Que trabalho?

— É só que... é invulgar queimar o corpo de um membro da família. Não é legal, e lamento dizer-te isto, querida, mas havia instruções para o funeral na carta dele... entre outras coisas.

— Oh. Porque é que a polícia havia de querer fazer buscas na casa? Na televisão, deixam sempre tudo numa desordem horrível.

— É para se assegurarem de que o teu pai morreu de causas naturais, mas é claro pela carta dele que sabia que já tinha pouco tempo. É óbvio que confiava em ti e que te amava. Estou confiante de que a autópsia vai mostrar que já estava morto.

— Não quero visitas e não quero ir para tua casa.

— Sally, se não me deixares tratar disto, podes acabar por ficar numa cela da prisão durante algumas noites ou mais. Confia em mim, por favor. Os teus pais haviam de querer que eu te ajudasse. Na carta, o teu pai dizia que me devias telefonar quando ele morresse.

Voltei a puxar pelo cabelo. Ela tentou tocar-me, mas eu esquivei-me.

— Desculpa. Foi sem querer.

— Mas ele não me disse quando devia abrir a carta. Só escreveu que a abrisse depois de ele morrer. Eu não sabia que era para a abrir no próprio dia.

— Eu sei, mas vai haver muita movimentação aqui em casa. Vou chamar a polícia e eles vão querer interrogar-te. Podes precisar de um advogado. Mas eu estarei contigo e explico alguma coisa que o teu pai não tenha explicado nas cartas, embora ele tenha sido bastante exaustivo. — Fez uma pausa. — Há coisas

nas cartas que podes achar... perturbadoras. Mas vamos por partes. O teu pai só queria que leses uma secção por semana. Há três partes diferentes.

— Porquê?

— Bem... Há muita coisa para assimilar. Eu achava que os teus pais eram francos comigo acerca da tua situação, mas parece que esconderam muita coisa.

— Sobre mim?

— Sim, Sally. Mas podemos falar sobre isso noutra altura. Agora tenho de chamar a polícia. Queres um calmante suave antes de eles virem? Para te ajudar a ficar calma?

— Quero, por favor.

**Um livro envolvente sobre uma mulher peculiar e solitária, com uma história de luz e trevas, de desespero e paixão. Brutal, avassalador, mas inesquecível, e impossível de abandonar.**

---

Sally Diamond não consegue perceber porque é que aquilo que fez é assim tão estranho. Ela limitou-se a fazer o que o pai lhe pediu: pô-lo no lixo quando ele morreu.

Habituada a uma vida solitária, Sally vê-se agora no centro das atenções, tanto por parte dos vizinhos, como da polícia e da comunicação social. No meio da confusão gerada em torno do incidente, Sally começa a receber mensagens anónimas de alguém que conhece o seu passado, um passado do qual ela não tem qualquer memória.

Ao mesmo tempo que vai descobrindo os horrores da sua infância, Sally começa a explorar o mundo pela primeira vez, fazendo amigos, conquistando a sua independência e percebendo que as pessoas nem sempre dizem o que realmente estão a sentir.

Mas quem é o homem que a observa e lhe escreve do outro lado do mundo?

---

«Liz Nugent cria uma protagonista inesquecível e nunca perde de vista a humanidade fundamental das suas personagens, mesmo ao acrescentar reviravoltas e ao conduzir a narrativa em direção a uma escuridão excecional.

Criativo, viciante e arrojado, este livro merece um vasto público.»

*Publishers Weekly*



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789897871597



9 789897 871597 >